

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V — SÉRIE II

N.º 72 (162) — 27-7-924

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, #25 — AFRICA, #35 — ESTRANGEIRO, #60

Redactor principal:  
António Teixeira  
Editor:  
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA  
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO  
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:  
José Rodrigues Reboredo  
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## No palco "leonárdico" ... dos nacionalistas "cunhaleais" ...

Os estrêlas... representativos do partido cunhalealista que vieram dar espectáculo no teatro Nacional, não fôram lá muito felizes na sua peça oratória com que tentaram ilusio-nar as multidões ludibriadas dêste burgo abandonado...

E' certo que os arlequins dos ginestelistas curandeiros das enfermidades do país fizeram prodígios de piruetas fraseológicas, mostrando, à evidência, que no interior das suas caixas cranianas, divinamente «iluminadas» por velas de cêbo de Holanda laboratorizadas na velha ginástica das antiqüadas cátedras, existem colossais armazens de imanizados termos arrancados aos mais férteis dicionários da biologia política dos nossos mais finos impositores...

Ou êles não fôssem professores, doutores e filósofos, com cuja ultra sabedoria perpétua-mente julgam cavalgar na igno-rância do povo...

Apesár, porém, de todos os seus esforços de ensaios transformistas no trampolim das habilidades, a parte eminentemen-te popular da assembleia não gostou, não só das figuras en-vaidecidas da companhia nacionalista, mas também da exhibi-ção da melhor farsa constante do elenco programático...

De facto, é o que vieram de- sempenhar os «actores» da em- presa nacionalista? O que já se viu representar no tempo da outra senhora, com a única dife- rença de que a *mise-en-scene* era muito superior e mais apa- ratosa, sendo as apoteozes das revistas republicanas da pri- meira opposição semi-anarquis- ta-leonardista de um deslum- bramento até hoje ainda inex- cedível. As «cabeleiras» eram mais fartas, os «coros» mais afinados e a «movimentação»

mais engenhosa e enganado- ra...

Os comediantes do partido nacionalista aludiram à «sêdi- ça» necessidade de se fazer economias e ao arquimilioné- simo «aconselhar de que todos devemos trabalhar para o en- grandecimento da pátria.»

E como o engrandecimento da pátria... e da república ou- tra coisa não significa senão a engorda, a obesidade, o enri- quecimento, o privilégio, a pân- ria, a roubalheira das classes preponderantes, fortemente en- grossadas no partido naciona- lista, — o povo, os avançados, que estavam na plateia a as- sistir à mágica... dos mágicos salvadores do país depois de o ajudarem a perder, patearem muito logicamente, e no seu legítimo direito de especta- dores, o cinismo da peça fantás- tica, onde os demónios, os es- píritos cunhalealistas evocavam, ao invés, aquelas quâse bolxe- visticas afirmações daquele «treintiano» capitão que em tempos cabriolára no tablado de Carlos Alberto...

Um Fontinha rabulista, se- guindo o enrêdo da scena, em nome do partido atacou a admi- nistração pública e os proces- sos baixos de harpia e de des- barato seguidos por muitos políticos...

E o povo, e os avançados, determinados por aquela filo- sofia experimental que ensina que a repetição exagerada de um mesmo fenómeno faz dimi- nuir a sensibilidade, deixou de se comover com a ditirâmica tirada daquele galã encomen- dado e gritou o seu desprêso e a sua revolta contra os polí- ticos; contra os tiranos, contra os ladrões, contra a moagem, contra a finança, contra os as- sambarcadores, contra o co- mércio, indústria e senhorios,

contra os assassinos de Olivais e Silves e, em última instância, contra todos aqueles governa- mentais e politicantes que tôda essa pouca vergonha teem acir- rado e permitido.

E' que o proletariado cons- ciente, conquanto não seja dou- tor de letras nem de filosofias etérias, sabe muito bem que o partido nacionalista e os seus homens mais em destaque teem colaborado, directa e in- directamente, nos altos poderes do Estado capitalista e teem-se conservado silenciosos ante as prepotências cometidas contra aqueles que reclamam pão e li- berdade.

Portanto, vão lá... enganar outros...

E' nesta altura emocionante que o aludido aragador gati- cula com a sua varinha mági- ca dos preparanços e faz com que, após o ruído metálico e infernal inerente ao acto, sur- gisse a personagem do *nosso* Leonardo do alçapão da mesa jornalística, para onde fôra no intuito de reduzir os discursos dos outros oradores, principal- mente do operário David de Oliveira que rebateu os «lumi- nares», e avolumar o seu no *Primeiro de Janeiro*, onde é or- namento respeitabilíssimo...

E então assumindo à boca do proscénio, apareceu-nos transformado em S. Francisco d'Assis, em cujas dobras do seu piedoso manto vinha todo o tesouro do seu co... razão de asceta fervoroso...

Acolhido pela «turba-mulça» dos que o já «viram e agora não vêem», visto que os peca- minosos não enxergam os san- tos, ovacionado com apóstrofes adequadas às suas reviravoltas interessantes — ungiu-se, pôz os olhos em alvo... na filoso- fia religiosamente espiritual que só êle compreende, beijou o infinito três vezes, à guisa de quem dá três pancadinhas com o batente do palácio do céu, para que o Pedro e o Deus ficassem sabendo que estava na sua pia propaganda — e fa- lou-nos nas árvores, nas seivas, nas raízes... cúbicas das árvo-

res que vão, pela sua fôrça, conquistando o terreno que as circunda até se tornarem flo- restas... e mais coisas bonitas que se decoram para efeitos surpreendentes de... estufa li- terária...

E sempre místicamente, ora- tóriamente elevando-se até dar uma turra em deus, que ia caindo do seu trôno doutriná- rio leonardesco, desfechou-nos, à queima-roupa, com esta terri- bilíssima novidade: «os avan- çados porque se *fixaram* em certas ideias dum época mais ou menos recente, são os gran- des *reaccionários* da Vida: aque- les que a pretendem *fixar* nos momentos que ela já ultrapas- sou no seu vivo esforço de ex- cesso e decrescimento...» de trampolinéis, de vigaristas, de arrangismo, regabofes, de tudo, enfim, que nós observa- mos e sofremos...

Ora porque os avançados, os trabalhadores *reagem* contra os traficantes *filosóficos*, políticos, governamentais e plutocráticos que nos levam a última camisa do corpo — é que são *reaccio- nários* da Vida, porque a que- rem equitativa, fraternal e jus- ta, onde no seu banquete geral e humano, e não no do Hotel do Pôrto, particular e egoista, to- dos possam ter o seu talher... Como esta vida ainda não foi atingida, quanto mais ultrapas- sada, os avançados *fixam-na* no íntimo das suas aspirações, embora custe aos co...nimbri- censes catadráticos da Renas- cença... cristã...

Mas o *teólogo* torna-se mais soberbo quando, pelo caleidos- cópio dos seus elixires... geo- lógicos, nos fala no «fôgo do interior das almas», em que a «vida jorra» — porque ela é «um vulcão inundando de lava can- dente...» todos os nossos direi- tos a queimarem-se nos «lon- ges do horizonte...» da velha- caria burguesa e do fanatismo estúpido que ela impõe...

... «essa lava quâse à bôca da cratera *petrificou* em certos sítios e teima em deter o novo caudal de lava invasor, que caminha para o largo — os senho-

res (os avançados) são essa vida petrificada, parada e morta, a gritar hipnotizada que é o limite do mundo, enquanto ao de leve lhe vá passando, precipitosa e em tumulto, a onda duma Vida mais alta!»

¿Compreenderam? Nós, os avançados, que nos esforçamos em deter o novo caudal da lava invasora... do «moderno» ultramontanismo... eucarístico é que estamos petrificados; e eles, os leonardos, é que estão na fugada periferia... a fugir para o centro... da Fonte de Deus, a fim de lhe beber todo o sumo, tudo o suco, das suas grandes e proveitosas lérias, é que vão caminhantes para o largo nauseante da vergonhosa apostasia, onde põem a preço a sua antiga e heróica gafurina...

Para o povo, para os avançados, não se petrificarem, devem ligar-se ao Infinito, às Estrelas, à Fonte de Deus... pelo cordão umbelical da m... perdão! que iam cair agora em Cambronne.

E foi assim, cheio de graça, todo o espectáculo de prestidigitação nacionalista... E foi por isso que o povo operário, farto de tretas teosofistas e de palavras sobre palavras buriladíssimas e encadeadas em contos... burlescas, os manda... dar um passeio até Nfne...

Devem-se convencer que já estamos cheios de truões...

## Comitê de Propaganda e Organização Anarquista do Norte

### BOLETIM SEMANAL

Reuniu com a assistência de delegados, do Centro Comunista Libertário, dos grupos «A Comuna», «Isolados», «Sem deus nem amos» e de um membro do secretariado.

—Apreciou um ofício vindo da Federação do Centro, constatando a concordância que existe com aquele organismo acerca da delimitação das zonas respectivas.

—Resolveu intensificar as relações existentes com a referida Federação.

—Recebeu a adesão do grupo «Estrêla do Norte», de Penafiel, a cujos componentes endereça as suas saudações anárquicas, esperando que consagrem toda a sua actividade e persistência ao triunfo da causa.

—Devido à falta dos restantes delegados, não pôde continuar com os trabalhos de preparação da conferência regional do Norte.

## Questões de oportunidade

# SOLIDARIEDADE

### Como tem sido e como deve ser interpretada

Pode-se afirmar, afoitamente, sem receio de desmentido, que na organização operária portuguesa, nunca existiu de facto o espírito de solidariedade.

Tem-se feito simples subsídios, sujeitos a regulamentos injustificados e naturalmente deficientes.

A solidariedade é a mais completa negação de regulamentos, de disciplinas, de imposições: é o auxílio mútuo livre, espontâneo, voluntário, não só entre os homens como até mesmo entre os irracionais.

Pretender sujeitar a solidariedade a regulamentos é tirar-lhe a sua verdadeira característica.

A solidariedade para o ser verdadeiramente não pode ser pedida, nem concedida condicionalmente: deve ser um acto espontâneo e natural.

O que se tem feito na nossa região nada é de solidariedade: tem predominado sempre os regulamentos, o espírito de facção, de classe, sobrepondo-se por completo aos verdadeiros efeitos da solidariedade bem interpretada.

Solidariedade deve-se prestar sempre a toda a gente que dela necessite, sem se inquirir algo mais do que a veracidade da sua situação.

Que importa que quem necessite de solidariedade não tenha as mesmas opiniões daqueles que lha concedem!

Porventura é ser revolucionário negar a liberdade, os meios de vida, a um qualquer ente que embora em outro campo, luta como nós contra o capitalismo?

Tem que se dar à solidariedade a amplitude necessária e natural, terminando duma vez para sempre com os contraproducentes e nada revolucionários regulamentos, dando-lhe um aspecto amplo, sem o que será uma completa ficção.

Os próprios defensores da lei, da autoridade, da disciplina, calcam todos os regulamentos e criam espontâneos laços de solidariedade revelando-se contra a própria lei que defendiam, se esta os pretender atingir nos seus interesses.

E' que apesar de não pensarem como nós, libertários, pensamos, tem a intuição própria, não obstante obscura, de que acima de todos os regulamen-

tos e de todas as leis, está a Vida, está a Liberdade.

A luta social em todo o mundo, atingiu um tam elevado grau de intensidade; as perseguições aos revolucionários são tam acintosas e tam metódicas que são freqüentes as forçadas deslocações de vários elementos activos de todas as tendências para outros países. E' inevitável que o sistema de solidariedade, terá de acompanhar este desenvolvimento da luta, correspondendo às necessidades e aos vários aspectos que a questão social fôr tomando.

Entre os verdadeiros perseguidos poderão surgir alguns mistificadores; mas isso sob aspecto algum pode ser tomado em conta para exigências estúpidas e desconfianças vexatórias aos que a actividade desenvolvida no movimento revolucionário faça procurar refúgio num país estranho.

Urge terminar com a prévia apresentação, para efeitos de solidariedade, da *certidão de revolucionário*. Antes que se verifiquem documentos, dá-se agasalho, dá-se abrigo, dá-se de comer. Isto não implica qualquer perigo para a segurança duma organização: quando muito, será um dispendio material que a sinceridade com que foi dado só nos ennobrece e dignifica até perante os nossos mais acérrimos inimigos. Seremos talvez algumas vezes burlados por entes sem consciência; mas que importa, se a nossa consciência está certa de ter actuado como estava dentro da lógica, e se o nosso exemplo belo e generoso ficará a frutificar cada vez mais a razão forte e humana das nossas afirmações.

¿Será, porventura, o dispendio com alguns dias de alimento e de alojamento que aniquila uma organização? E também que importa que isso se faça, se certamente, a quem se fez, foi a algum ente que acoitado pela fome e despresado pela sociedade se serviu dum «truc» para obter alimento.

A solidariedade é uma coisa tam bela e tam humana que se não pode preocupar nunca com casos de tam pouca importância.

As organizações actualmente existentes destinadas a prestar solidariedade, são deficientes, estruturalmente incapazes de

corresponder às necessidades que as originaram.

E' um dos assuntos que mais deve preocupar o nosso espírito de revolucionário, dando-lhe a quota parte da nossa acção, como merece.

Iniciaremos os necessários trabalhos tendentes a pôr em prática as resoluções que sobre este assunto temos tomado, contribuindo desta maneira para acabar com a forma ambígua e pouco revolucionária como até ao presente se tem tratado a questão Solidariedade.

Neste caso como em outros de grande importância também, devem os anarquistas colocar-se à altura das circunstâncias, atuando na medida das suas possibilidades.

F. ALMEIDA MARQUES.

Se és amigo de A COMUNA arranja-lhe um novo assinante.

Aos nossos presados assinantes e agentes do continente e estrangeiro

Como se verifica pela Conta Corrente, hoje publicada, referente ao mês de Junho, tem-se agravado enormemente o deficit de «A COMUNA», atingindo este a extraordinária cifra de 2.458\$46.5.

Sendo este deficit, como já dissemos, resultante, em grande parte, do atraso em que se encontra a cobrança, tanto dos assinantes como agentes, mais uma vez apelamos para todos os camaradas no sentido de liquidarem o mais rapidamente possível os seus débitos; apêlo que dirigimos, especialmente, àqueles que não sendo facil enviarmos recibo pelo correio, têm de directamente enviar as importâncias à administração do jornal, o que acontece com todos os assinantes e agentes do estrangeiro e muitos também do continente.

Certos de que todos os camaradas sentem a necessidade de «A COMUNA» continuar na obra emancipadora da Humanidade, esperamos ser atendidos no nosso apêlo, para que assim, COMUNA», possa realizar a missão que se propoz.

A ADMINISTRAÇÃO.